



Da independência à paz em Angola pela lente de Asdrúbal Rebelo: Valeu!

Paula de Bastos Cruz¹

RESUMO

Neste artigo buscamos analisar como se constrói a narrativa da história recente de Angola na obra cinematográfica *Valeu!*, de Asdrúbal Rebelo (2014), do ponto de vista de seu produtor. Para tanto, estudamos a trajetória pessoal do seu realizador, a história de Angola nesse período e também no período de realização do documentário. Asdrúbal conheceu duas guerras, a guerra de libertação e a guerra civil, e por intermédio de seu documentário podemos apreender o entendimento que este intelectual angolano teve dos eventos.

Palavras-chave: Angola, Asdrúbal Rebelo, cinema.

¹ Paula Faccini de Bastos Cruz é graduada em História pelo IH/UFRJ (2004), mestre em História Comparada pelo PPGHC/IH/UFRJ (2007) e doutora em História Comparada PPGHC/IH/UFRJ (2015). Professora de História aposentada da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME); professora tutora de História Contemporânea I na EAD Unirio; pesquisadora associada ao Laboratório de Estudos Africanos (LEÁFRICA/UFRJ) e membra do grupo institucional de pesquisas Áfricas (UERJ/PUC-Rio).



Introdução

Segundo Cristiane Nova², quando trabalhamos com cinema como fonte de história, precisamos dar especial atenção ao lugar de fala dessa produção. Portanto, para contextualizar esse lugar, gostaríamos de iniciar esse texto falando um pouco sobre a História de Angola no Tempo Presente, especificamente entre os anos de 1975 e 2013.

Angola foi colônia portuguesa até 1975, ano de sua independência. A guerra de libertação do país se iniciou em 1961, tendo durado, portanto, 14 anos. A guerra civil iniciou-se imediatamente após a independência e se estendeu até 2002, numa disputa entre os dois principais movimentos de guerrilha anticolonial, o MPLA (Movimento Popular de libertação de Angola), ligado à URSS e Cuba, e a UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola), apoiada pela África do Sul e pelos EUA. A interferência desses países deixa clara a manifestação da Guerra Fria acontecendo dentro do país. Na verdade, a Guerra Fria se estendeu por todo o continente africano, influenciando os movimentos de libertação por toda parte³.

Precisamos também conhecer um pouco da história do realizador da obra, Asdrúbal Rebelo. Asdrúbal Rebelo Pereira da Silva nasceu em Luanda, 1953, quando o país ainda não estava em guerra. Em 1973, aos 20 anos, ele trabalhava na Junta de Acção Social de Angola (JASTA), órgão do Estado português responsável pela promoção econômica e social dos trabalhadores das colônias, como desenhista e decorador de interiores. Ele já havia feito uma formação anterior nessa área⁴. Nessa época, Portugal tinha exclusividade de transmissão de imagens de TV em Angola. A RTP (Rádio e Televisão de Portugal) funcionou até 1974. Neste ano foi criada a RPA/TPA (Rádio/Televisão Portuguesa de Angola), uma empresa mista. Asdrúbal

² NOVA, Cristiane. O cinema e o o conhecimento da história. In: *o olho da história: revista de história contemporânea*. Salvador: UFBA, v.2, n.3, pp 218-233, 1996.

³ Sobre esse período da história de Angola: HODGES, Tony. *Angola. Do Afro-Estalinismo ao Capitalismo Selvagem*. Cascais: Principia, 2003, pp. 41-137.; MINTER, William. *Os contras do apartheid: As raízes da guerra em Angola e Moçambique*. Maputo: Arquivo histórico de Moçambique, 1998.

⁴ GONÇALVES, João. *Entrevista Asdrúbal Rebelo. A nossa história*. Angola: TPA. 2018, 28 min. Disponível em [HTTPS://www.youtube.com/watch?v=NLnrgSrsoCA](https://www.youtube.com/watch?v=NLnrgSrsoCA). Acesso em 20 jul 2021. 5m32s



entrou para essa empresa em 1975, como cenógrafo; depois foi operador de câmara, trabalhando também na montagem e edição⁵.

Após a independência, o MPLA assumiu o governo do país. Em 1976 nacionalizou a emissora, que passou a se chamar Televisão Popular de Angola (TPA)⁶. Asdrúbal Rebelo pertence à primeira geração de realizadores angolanos, formados nos quadros da TPA⁷. Esses primeiros profissionais foram enviados com bolsas de estudo para instituições de ensino, em países socialistas, principalmente União Soviética, Iugoslávia e Cuba, onde tiveram uma formação técnica e, evidentemente, ideológica⁸. Suas obras iniciais foram filmes sobre a história do MPLA desde sua criação, as comemorações da libertação e toda sorte de exaltação ao Estado angolano⁹.



Asdrúbal Rebelo em entrevista a João Gonçalves, TPA (2018, 09:min55s)

⁵ Idem.

⁶ CRUZ, Paula Faccini de Bastos. *Caminhos do cinema angolano*. In: Anais do XV encontro regional de História da Anpuh-Rio, São Gonçalo, 2012. p 3-4

⁷ Sobre as gerações de cineastas angolanos: BARTOLOMEU, Mariano. Experiências e perspectivas. In: *Cinema angolano parte I*. www.opais.net/pt/dossier/. Acesso em 03/03/2010; BARTOLOMEU, Mariano. Perspectivas para o futuro. In: *Cinema angolano parte II*. www.opais.net/pt/dossier/. Acesso em 03/03/2010

⁸ GUIDE, Antônio Marcos de. *TPA – o modelo de tv pública de Angola*. 2007. Dissertação (mestrado em Ciências da comunicação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. p. 96

⁹ Sobre a produção cinematográfica dessa geração: PIÇARRA, Maria do Carmo. *Angola: o nascimento de uma nação*. Lisboa: Guerra e paz, 2013; CRUZ, Paula. *Oxalá cresçam pitangas: o documentário na história do cinema em Angola*. In: *Revista Transversos: Revista de História*. Rio de Janeiro, v. 06, n. 06, out. – mar. 2016.



Nessa fase Rebelo produziu *O futuro da nação* (1975), uma série de programas infantis para a TV; *Velhos tempos, novos tempos*, *A luta continua* e *Nascidos na luta, Vivendo na vitória* (1974/1975), documentários sobre a infância, sobre os chamados pioneiros de guerra. Podemos observar que ele possui uma preocupação muito grande com a infância, foco de suas produções desde o início. Em 1978, o produtor passou a trabalhar no recém-criado Laboratório Nacional de Cinema, órgão também responsável pelo acervo de imagens em movimento do país.¹⁰

O primeiro presidente de Angola, Agostinho Neto, morreu em 1979. Assumia José Eduardo dos Santos, uma figura extremamente polêmica, pois se, por um lado, lutou contra o colonialismo e buscou o acordo entre as partes beligerantes da guerra civil, foi um ditador implacável e seu governo foi extremamente corrupto, quiçá o mais corrupto de África no período.

Em 1980, um ano após a posse de dos Santos, Asdrúbal filma *Os filhos da rua*, que fala da vida das crianças em situação de rua, e desenvolve uma visão crítica sobre as estruturas de poder que deveriam estar ocupadas em resolver o problema. Esse filme foi censurado e até hoje não foi exibido¹¹.

A década de 1990 foi marcada por um definhamento na produção cinematográfica de Angola. Os mais importantes profissionais da área começaram a sair do país, à procura de melhores condições de vida. Foi nesse contexto que Asdrúbal Rebelo migrou para Cabo Verde, onde residiu de 1988 a 1993, tendo sido premiado com algumas obras, como *Ilha a ilha* (1988/89), ganhador de três prêmios internacionais. Neste mesmo ano foi convidado a trabalhar em São Tomé e Príncipe, e lá desempenhou papel relevante na estruturação do cinema nacional santomense. Após esse período, ele migrou para Portugal¹², onde montou uma pequena empresa de

¹⁰ Mais detalhes sobre a trajetória de Asdrúbal Rebelo na história do cinema angolano, vide CRUZ, Paula Faccini de. *Valeu!*, a História de Asdrúbal Rebelo. In: SECCO, Carmem Tindó ET ali. *CineGrafias Angolanas*. SP: Kapulana, 2022. PP 134 a 157

¹¹ REBELO, Asdrúbal. Entrevista ao Jornal de Angola. “É vergonhoso quando não se faz referência ao autor das imagens”. <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/asdrubal-rebelo-e-vergonhoso-quando-nao-se-faz-referencia-a-autor-das-imagens/> 6/07/2020 acesso em 20/08/2021

¹² ABRANTES, José Mena & MATOS-CRUZ, José de. *Cinema em Angola*. Luanda: Caxinde, 2002. p. 55



produções, a ARS (Asdrúbal Rebelo Silva), que não foi bem sucedida. Em 2011, resolveu retornar a Angola, para trabalhar novamente na TPA.



Valeu! Realização de Asdrúbal Rebelo e Marisol Kadiegi: Luanda, TPA, 2014. Vídeo, 48 min

O filme que vamos analisar foi realizado em 2013, e se chama *Valeu!*. Inicialmente a obra foi produzida em três episódios, e depois compilada numa versão integral, que é o documentário em questão. O trabalho foi motivado pela curiosidade de Rebelo de saber o que teria acontecido com aquelas crianças que lutaram nas frentes de combate pela libertação nacional, os pioneiros, e que ele havia filmado em 1974/1975/1976. E ele consegue localizar essas pessoas, já então adultas. Entre aqueles primeiros filmes e esse documentário haviam passado 40 anos, extremamente transformadores para todos que vivenciaram essa época. Nesta obra o autor buscou narrar os acontecimentos mais importantes desse período na história de seu país, inclusive as pesadas influências externas sofridas.

O autor constrói uma narrativa extremamente sofisticada, usando para tanto imagens, textos escritos, textos falados e trilha sonora que, em movimentos independentes uns dos outros, se entrelaçam numa montagem veloz.

O material imagético do filme é uma colagem entre fragmentos do material produzido em seus primeiros documentários sobre os pioneiros, imagens em movimento, fotos de arquivo, manchetes de jornais e revistas das quatro décadas que se sucederam, e também das entrevistas feitas com os pioneiros adultos, já em 2013. São, portanto, três temporalidades que se entrelaçam. A linha narrativa segue a



cronologia da História de Angola, costurada por essas temporalidades mescladas, sejam elas o momento da independência, os meninos em 1976, durante o governo de Agostinho Neto, e 2013, quando da realização das entrevistas.

Como dissemos, o documentário acompanha a História recente do país, sob a ótica de seu realizador. É interessante pensar que parte da formação de Rebelo se deu na União Soviética, que teve em Eisenstein¹³ um grande modelo, pioneiro de uma estética cinematográfica hoje conhecida em todo o mundo. Entre seus filmes mais conhecidos podemos citar *Outubro*, de 1917, que tem essa construção narrativa, de colagens de elementos, como imagens, sons, letreiros, música, etc. Em sua obra cada elemento narrativo acrescenta uma informação. Assim, a imagem, o texto falado ou escrito, e a música não se sublinham uns aos outros, na maior parte da obra. Uma cena alegre pode ter uma música fúnebre ao fundo, por exemplo. A mensagem nos é transmitida pelo conjunto de informações, que, somados, tomam uma forma estética única, que se imprime em nós como mensagem. O documentário de Asdrúbal traz essa forma narrativa. Na obra inteira, os fotogramas passam pelo *écran* em uma velocidade estonteante, e a edição é muito bem cuidada.

O documentário se inicia com imagens de meninos uniformizados marchando, os chamados pioneiros. Essas crianças que se engajaram na guerra de Angola contra os colonizadores eram, em sua maioria, órfãos. São os fragmentos dos filmes de 1974/1975 que vemos. Numa colagem ininterrupta, seguem as imagens de pessoas em trapos, caminhando em fila por uma trilha, denunciando o deslocamento forçado de populações; guerrilheiros em combate; canhões e bombas explodindo em imagem e som. Somos reportados aos horrores da guerra. Entra a cena de Agostinho Neto, primeiro presidente de Angola, sendo aclamado pelo povo. É o final da guerra de libertação.

¹³Serguei Mikhailovich Eisenstein é um dos mais importantes cineastas soviéticos de todos os tempos. Relacionado ao movimento de vanguarda artística russa, participou ativamente da Revolução de 1917 e da consolidação do cinema como meio de expressão artística. Sobre a montagem cinematográfica na obra de Eisenstein: REISZ, K e MILLAR, G. *A técnica da montagem cinematográfica*. Rio de Janeiro: Embrafilme/Civilização Brasileira, 1978.



Vemos e ouvimos o discurso de posse de Agostinho Neto em novembro de 1975.



A República Popular da Angola reitera solenemente a decisão de lutar pela integridade territorial de Angola, opondo-se a toda e qualquer tentativa de desmembramento do país. Considera comum dever patriota inalienável e de honra a assistência privilegiada e a proteção especial aos órfãos de guerra, aos diminuídos e mutilados de guerra pelos sacrifícios consentidos na luta de libertação nacional. Assim, todos os esforços no sentido da reintegração completa na sociedade, de todas as vítimas da guerra de libertação nacional.¹⁴

Na tela, as manchetes do Jornal de Angola da época anunciam a criação dos “Lares para a infância e Adolescência”, mostram imagens dos pioneiros marchando, e ressaltam a eleição de Agostinho Neto “por vontade popular”. Depois, os mesmos meninos aparecem passeando nas ruas, agora sem fardas. Ouvimos as vozes das crianças cantando. Outras manchetes sublinham a importância desses meninos para o governo, o investimento na educação, na “consciência nacional”, no futuro¹⁵. Sobre esse bloco de montagem correm os créditos do documentário. Rebelo ressalta a importância dada por Neto às crianças, importância essa compartilhada por ele, cineasta. Esse primeiro tempo do filme, o pós-independência, é mostrado de forma otimista e esperançosa, uma vez que o autor comungava dos ideais do governo de então.

¹⁴REBELO, Asdrúbal. *Valeu!* Luanda, TPA, 2014. Vídeo, 48 min.

<https://www.youtube.com/watch?v=7RXpLOhUW-M> acesso em: 20/06/2021. 01min10s – 2 min

¹⁵ *Valeu!*, 03min08s-2min



A imagem dos pioneiros meninos marchando é colada à imagem desse mesmo grupo marchando, só que agora eles são adultos. Assim o autor introduz a temporalidade de 2013. Os antigos pioneiros serão entrevistados. A locação das entrevistas, entrecortadas pela edição, é a mesma, de agora até o final: um pátio, por pressuposto, de escola. Eles estão se reunindo pela primeira vez, festejando o reencontro. Somos convidados pelo realizador a participar desse momento histórico: “Há mais de 20 anos que a gente não se vê!”.¹⁶ Lembramos que as entrevistas são conduzidas pela produção, orientadas para obter determinada informação, são direcionadas. Há a intencionalidade do autor. E também que, em 2013, Asdrúbal já tinha precisado sair do país, vivido diversas experiências no exterior nesses trinta e poucos anos que esteve fora, e tinha retornado há pouco, por necessidade profissional. Há, portanto, uma imensa distância entre as motivações que levaram à produção dos primeiros filmes e a do documentário em questão. Sua busca em saber o que havia acontecido nesses anos com esses garotos envolve também a busca pelo entendimento do que ocorreu em Angola no período.

Os pioneiros contam como foram parar no Lar, das suas memórias daqueles tempos, boas lembranças que acordam fortes emoções. Participaram de eventos importantes, como o aniversário de Samora Machel, a visita de Fidel a Angola (1977), o primeiro acampamento da OPA, Organização de Pioneiros de Angola, (1977/1978). Como eles eram colocados em lugar de destaque e estavam em evidência na mídia, durante o governo de Neto. Os lares possibilitaram a formação e o fortalecimento de laços afetivos, forneceram apoio para a reestruturação da vida, e o fortalecimento da autoestima daqueles meninos. Importante lembrar a importância de Paulo Freire para a educação de Angola nesse pós-independência¹⁷, uma pedagogia que ia ao encontro da mais esperançosa construção do Homem Novo angolano, sonho compartilhado por Rebelo então. Joaquim Alfredo, em seu depoimento, afirma que aqueles anos em que esteve no Lar foram os melhores de sua vida.¹⁸ Temos a imagem dele menino, muito

¹⁶Idem, 04 min.

¹⁷ Para aprofundamento do assunto, vide SANTOS, José Francisco dos. *Aprendendo com os processos revolucionários no continente africano: práticas pedagógicas de Paulo Freire*. Revista Teias vol.22 no. 67 Rio de Janeiro out./Dez 2021 Epub 14-Fev-2023.

¹⁸Valeu! 04min40s



emocionado, cantando e dançando enquanto membros da juventude batucam. A letra é triste, conta do sumiço de um irmão.



Joaquim Alfredo em 1975 (Valeu! 4min00s) Joaquim Alfredo em 2013(Valeu! 4min05s)

Os depoentes contam onde nasceram, cada um em uma região diferente de Angola, como Cuanza Sul, Bié, na região mesmo de Luanda, em zona de conflito. Percebemos, por meio deles, como a guerra aconteceu de forma avassaladora, em todo o território de Angola, desestruturando suas sociedades. E todos, de alguma maneira perderam suas famílias e tiveram que se engajar nas forças guerrilheiras. Falam de suas vidas, suas experiências pessoais como pioneiros e combatentes, até o momento em que a guerra pela independência acaba, e eles foram chamados para ir aos Lares, na cidade de Luanda.



As crianças marchando quando da independência (Valeu!7min08s)

A construção narrativa do filme nos leva ao entendimento de que a guerra pela libertação de Angola foi medonha e avassaladora, e mostra a destruição da vida das crianças que conheceram esses tempos. No entanto, Asdrúbal Rebelo evidencia, seja com imagens, manchetes de jornais ou por meio de seus depoimentos, o tratamento especial que os pioneiros receberam, a partir da posse de Agostinho Neto. As crianças tiveram atenção diferenciada do governo, que os chamava para participar de solenidades importantes, marcando a presença deles nos eventos. Nos lares, esses meninos tiveram educação, carinho e atenção de adultos, como tia Cilita, fato que, segundo ela, levou-os à recuperação mental, emocional e social. No écran vemos passarem várias fotos dela com os meninos e seus desenhos infantis, que retratavam a guerra no início, mas depois passaram a ter temas comuns para crianças. É como um



álbum de retratos, um momento quase idílico, onde podemos perceber muita idealização também.



Imagem dos pioneiros com Agostinho Neto (Valeu!, 27 min 04 s)
“A ausência dele foi um vazio para a nação, e principalmente para os que estávamos dentro do internato”
(Ananias: Valeu!, 27min 8 s)

Os ex-combatentes falam de seus momentos mais marcantes. Segundo a maioria, apesar dos horrores da guerra, da perda das famílias, o pior e mais marcante momento para eles foi a morte de Agostinho Neto, em 1979. Nessa hora, vemos no filme a imagem da cerimônia fúnebre, manchetes de jornal, destaque da participação dos pioneiros nos eventos. Todos tinham nele a figura paterna, e se sentiram novamente órfãos. Percebemos que também Asdrúbal Rebelo tem esse entendimento do ex-presidente, dessa função histórica que ele assumiu, “adotando” com competência, esses órfãos da guerra. A trilha sonora sublinha a imagem com uma marcha fúnebre.

Na sequência, acompanhamos a posse de José Eduardo do Santos, segundo presidente de Angola, em seu primeiro discurso como presidente (1979). E recomeça a guerra civil. É interessante lembrar-nos do filme que Rebelo havia feito sobre a



infância abandonada nas ruas, em 1980, *Os filhos da rua*, e que foi censurado já no regime do novo presidente.



José Eduardo dos Santos em seu discurso de posse, 1979 (*Valeu!*, 27min s)

Vemos um grupo conversando no pátio da escola sobre o que aconteceu com eles a partir de então: todos regressaram às forças armadas. Saíram dos lares e foram novamente jogados nas frentes de combate. “Tinha que se enquadrar outra vez nas forças armadas para salvar a pátria que está a ser invadida pelos sul-africanos.”, depõe um dos ex-pioneiros. Nesse momento um elemento muito importante na construção de narrativas entra em cena: o silêncio, o não dito. Segundo Jameson¹⁹, os filmes são uma experiência física, são memórias do corpo, onde imagem e som são intransponíveis para o texto escrito. A estética do som (e também a fala) e da imagem (também quando escrita) provoca sensações cuja subjetividade tem sua própria história. Nos valem mais atentamente de nossa percepção do não-dito, nossa compreensão estética a partir deste ponto da narrativa do filme em questão.

Voltando à História. A Guerra Fria terminou em 1991, com a dissolução da URSS. Lembramos que o governo do MPLA estava alinhado com o lado socialista, na divisão geopolítica mundial, e que houve uma completa desestruturação dos países do bloco socialista, principalmente no continente africano. Como citamos acima, o

¹⁹ JAMESON, Frederic. *As marcas do visível*. Rio de Janeiro, Graal, 1995.



cinema angolano, especificamente aquele produzido pela geração de Asdrúbal Rebelo, teve suas origens, técnica e ideologicamente falando, nas escolas da URSS e de Cuba. Rebelo faz parte de uma geração que participou desse projeto, era “a geração da utopia”, que incluía literatos, cineastas e intelectuais, de modo geral. Inclusive, esse é o nome de um clássico de Pepetela²⁰, expoente da literatura angolana, e parte dessa geração que tinha um sonho. Percebemos que para ele, Asdrúbal, foi um momento difícil e decepcionante. Nas imagens de seu filme *Valeu!*, passa uma colagem de manchetes sobre os acontecimentos mais importantes do período: a morte de Tchernenko, o surgimento de outros partidos políticos, perestroika, glasnost, eleições na Alemanha e a queda do Muro de Berlim. Era uma grande mudança no curso da história, momento que marcou o desencanto de uma utopia.²¹ Nessa passagem, não há pessoas, não há palavras, apenas a seca passagem dos fatos impressos.



O fim da União Soviética, Acordos de Bicesse e o multipartidarismo (*Valeu!* 32min39s)

O filme segue para as entrevistas, cujo assunto passa a ser o significado, para cada um deles, do multipartidarismo, implementado no país em 1992. Angola até então tinha um partido único. Outros países africanos tomavam o mesmo rumo, como S. Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Somália e Namíbia. Um pioneiro responde “liberdade de pensamento”, outro “o reencontro de todos os angolanos”. Outro, “uma situação contraditória”, mas o documentário não nos esclarece qual, ficando só insinuada no

²⁰ PEPETELA. *A geração da utopia*. Luanda: Nzila, 2004.

²¹ *Valeu!*, 32min11s



que não é dito, no que deduzimos. É um momento delicado da construção narrativa do filme, onde percebemos com mais clareza a intencionalidade das perguntas feitas. Lembramos que as entrevistas foram gravadas ao longo de 2013, quando Rebelo já havia regressado ao país por necessidade financeira e trabalhava na TPA, com o apoio do governo. As manchetes projetadas nos contam sobre o encontro entre os chefes de Estado angolanos e a URSS, para discutir a implementação do multipartidarismo no continente. Então, a tela anuncia a manchete de jornal de 1991: “Jornal de Angola: eleições em setembro conforme Bicesse”. Os acordos de Bicesse foram uma iniciativa de Portugal para que a paz fosse assinada entre o MPLA e a UNITA. Neles estavam previstas eleições livres e democráticas em Angola, ainda naquele ano, 1991. Ouvimos dos Santos discursar, anunciando que a economia do país passaria a ser regida pelas leis do mercado. Imagens velozes de manchetes de jornais passam as notícias sobre as eleições, como o voto feminino e a esperança de paz.



O voto feminino nas eleições de 1991 (Valeu! 34min17 s)



A seguir, a tela fica preta, ouve-se uma explosão, e entra uma manchete de jornal: “dor e luto no país – a guerra continua”²², e a voz de um dos ex-pioneiros depõe: “Mas, infelizmente, depois do multipartidarismo, veio depois a guerra de novo e pronto, aconteceu o que aconteceu, que todos nós sabemos”. Na tela, jornais informam que a guerra matou 500 mil crianças, um milhão e 700 mil pessoas foram deslocadas à força ou fugindo, e mais de três milhões de pessoas ficaram à beira da catástrofe. “Falta comida, os campos estão queimados e pontes quebradas”. Por essa construção narrativa podemos entender que para as populações a guerra civil foi mais brutal e dramática do que a guerra pela independência. Lembremos que Asdrúbal deixara o país em 1988. Durante todo o tempo em que esteve fora, ele conheceu os acontecimentos que se seguiram de fora de seu país. Segundo Rosenstone²³, os filmes que classifica como pós-modernos, por não serem obcecados pelo realismo, são capazes de forjar uma nova relação com o passado, sem tentar convencer de que o écran é uma janela por onde se vê o que realmente aconteceu. Desta forma, a obra de Rebelo possui esse potencial de criar várias significações para os fatos mostrados, em seus aspectos essenciais, nos levando a questionamentos cujas respostas ficam a cargo da percepção estética do público.

Seguem-se os acontecimentos na tela: “1994 - A assinatura do Protocolo de Lusaka”. O Protocolo de Lusaka foi mais uma tentativa de paz, orientado pela ONU. Teve lugar na Zâmbia, em novembro de 1994.

²²Ibidem, 33min48s

²³ ROSENSTONE, Robert. *El pasado em imágenes: el desafío del cine a nuestra idea de la historia*. Barcelona: Ariel, 1997.



Assinatura do Protocolo de Lusaka por Venâncio de Moura, Ministro das Relações Exteriores da República de Angola, e Eugênio Manuvakola, Secretário Geral da Unita, na presença de Maître Alioune Blondi MBeye, representante das Nações Unidas em Angola (Valeu! 37mim38s)

O acordo foi assinado pela UNITA e pelo MPLA, mas foi, novamente, mal sucedido. Vemos as manchetes da mídia impressa noticiando as inúmeras tentativas frustradas de negociação, catástrofes em várias regiões, a exemplo da região do Bié e de Huambo e Malanje, imagens de multidões se deslocando, entrecortadas por pinturas que falam da fome e da morte. Mas o filme nos mostra também a exigência absoluta de sigilo em Lusaka, por parte da ONU²⁴, e a tentativa de encobrir os fatos com muitos anúncios de eventos culturais, como mostras de música e festivais de cinema, a vitória do time de basquete angolano no campeonato africano daquele ano. Na sequência, vemos imagens em movimento de bombardeios, enquanto as manchetes anunciam a paz “segura”, numa contradição entre imagem e texto. A imagem de revoada de pássaros no céu se intercala com outras de grupos celebrando a paz. A essas se seguem várias outras imagens idílicas, nos sugerindo paz e

²⁴“ Beye ordena sigilo absoluto em Lusaka”. *Valeu!* 37min15s



reconstrução. Tempos a impressão de que o acordo fora bem sucedido. Mas lembremos que a guerra civil só acabou em 2002, oito anos mais tarde, e que Asdrúbal esteve ausente do país nesse período. Como já dissemos acima, dos Santos foi um ditador, e só deixou o poder em 2017. Durante seu período de governo houve forte censura.

O filme constrói uma narrativa curta e densa sobre esse período, não abrindo brechas para um entendimento claro da percepção dos fatos pelo autor. Guerra e paz, alegria e tristeza. E o silêncio.

O documentário segue adiante com o tema da paz, esse é o assunto dos depoimentos. Vemos imagens que nos mostram esses homens, antigos pioneiros, em seu cotidiano, trabalhando ou em cenas familiares. Elas nos narram que todos eles conseguiram sobreviver, e têm hoje uma vida digna. Portanto, a construção narrativa do documentário de Asdrúbal Rebelo termina por concluir que, apesar de todo o sofrimento, para os pioneiros valeu a pena lutar. Segundo eles, se não foi possível a realização da utopia, algumas conquistas importantes foram alcançadas, mas, no entanto, não dizem quais. Eles só conseguem citar a paz – a conquista da convivência harmoniosa e em paz. Valeu! Esse é o título do documentário, e, no entanto, não fica claro quais teriam sido os ganhos de tantas décadas de guerras. Temos a sensação de que mais uma vez os depoimentos foram induzidos para que se acredite nisso, mas faltou senso. Valeu fazer a guerra para que não se tenha mais guerra.

O filme termina numa sala de cinema cheia. Os antigos pioneiros estão sentados na platéia, assistindo a essa obra que acabamos de analisar, espectadores de si próprios, crianças. Eles conseguem identificar quem é quem, das crianças que aparecem no filme. Emocionante é uma palavra insuficiente para descrever a cena de Joaquim, o menino, órfão, frágil, sofrido, que canta com voz trêmula na tela. Joaquim, o adulto, na platéia, chora. Depois sobe no palco e canta junto consigo criança.



A sala de cinema improvisada na escola (Valeu! 40min29s)

Os créditos passam, e nos demonstram o apoio dado a Asdrúbal Rebelo, tanto por entidades oficiais do governo de então, 2013, quanto por capitais privados, para a realização dessa obra.

Asdrúbal Rebelo segue na ativa. Em recente entrevista à televisão angolana, ele deu o seguinte depoimento:

Há uma preocupação que a mim, como homem de televisão e cinema preocupa, que é a questão de nós termos a vertente informação cá acima, e o resto cá embaixo. Em que a grande preocupação está na informação, quando não devia estar. Devia estar em tudo que é televisão. Porque a televisão é entretenimento, que é preciso para as pessoas. Nós temos politizado também muito a nossa sociedade (A nossa história, 2018, 23min30s).

Esse depoimento chama a atenção quando refletimos sobre o que foi a obra de Asdrúbal Rebelo, a relevância de seu trabalho em todas as dimensões, artística,



política e histórica. Sentimos como sendo quase conclusivo de seu filme *Valeu!*. Rebelo foi expoente de uma geração extremamente politizada, mas que viu seu projeto de utopia desmoronar. Seu filme começa enaltecendo os meninos guerrilheiros, os pioneiros, que ele tanto acompanhou com suas lentes e que foram abraçados pelo primeiro presidente do país livre, Agostinho Neto, membro de seu partido, o MPLA. Mas na própria construção narrativa do filme sentimos a decepção e o exílio acontecendo, de forma compacta, enquanto as mudanças passam velozes nas manchetes dos jornais. Será que valeu?



Referências

Fonte:

REBELO, Asdrúbal. KADIEGI, Marissol. VALEU!. Luanda: TPA, 2014. Vídeo, 48min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7RXpLOhUW-M> acesso em: 20/06/2021

Documentação:

GONÇALVES, João. Entrevista Asdrúbal Rebelo. A nossa história. Angola: TPA, 2018, 28 min. <https://www.youtube.com/watch?v=NLnrgSrsoC> Acesso em 20/07/2021

REBELO, Asdrúbal. Nós somos – Trajetória de uma nação. Luanda: 2016, terceiro episódio, 23min38s https://www.youtube.com/watch?v=k6Q_DZG-yOU acesso em 03/03/2021. Obs: em 27/07/2021, o link havia sido “removido pelo usuário que fez o envio”.

REBELO, Asdrúbal. Entrevista ao Jornal de Angola. “É vergonhoso quando não se faz referência ao autor das imagens”. <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/asdrubal-rebelo-e-vergonhoso-quando-nao-se-faz-referencia-ao-autor-das-imagens/> 6/07/2020 acesso em 20/08/2021.

Referências Bibliográficas:

ABRANTES, José Mena. MATOS-CRUZ, José de. Cinema em Angola. Luanda: Caxinde, 2002.

BARTOLOMEU, Mariano. Experiências e perspectivas. In: Cinema angolano parte I. www.opais.net/pt/dossier/. Acesso em 03/03/2010

BARTOLOMEU, Mariano. Perspectivas para o futuro. In: Cinema angolano parte II. www.opais.net/pt/dossier/. Acesso em 03/03/2010

CRUZ, Paula. Oxalá cresçam pitangas: o documentário na história do cinema em Angola. In: RevistaTransversos: Revista de História. Rio de Janeiro, v. 06, n. 06, out. – mar. 2016.

CRUZ, Paula Faccini de Bastos. Caminhos do cinema angolano. In: Anais do XV encontro regional de História da Anpuh-Rio, São Gonçalo, 2012.

CRUZ, Paula Faccini de Bastos. Valeu!A trajetória de Asdrúbal Rebelo. In: SECCO, TAVARES, LEITE, VAN-DÚNEM. CineGrafias angolanas: memórias e reflexões. SP, kapulana, 2022.

GUIDE, Antônio Marcos de. TPA – o modelo de tv pública de Angola. 2007. Dissertação (mestrado em Ciências da comunicação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

HODGES, Tony. Angola. Do Afro-Estalinismo ao Capitalismo Selvagem. Cascais: Principia, 2003, pp. 41-137.

JAMESON, Frederic. As marcas do visível. Rio de Janeiro, Graal, 1995.

MINTER, William. Os contras do apartheid:As raízes da guerra em Angola e Moçambique. Maputo: Arquivo histórico de Moçambique, 1998.

NOVA, Cristiane. O cinema e o o conhecimento da história. In: o olho da história: revista de história contemporânea. Salvador: UFBA, v.2, n.3, pp 218-233, 1996.

PEPETELA. A geração da utopia. Luanda: Nzila, 2004.

PIÇARRA, Maria do Carmo. Angola: o nascimento de uma nação. Lisboa: Guerra e paz, 2013.

ROSENSTONE, Robert. El pasado em imágenes: el desafío del cine a nuestra idea de la historia. Barcelona: Ariel, 1997.

REISZ, K e MILLAR, G. A técnica da montagem cinematográfica. Rio de Janeiro: Embrafilme/Civilização Brasileira, 1978.

SANTOS, José Francisco dos. Aprendendo com os processos revolucionários no continente africano: práticas pedagógicas de Paulo Freire. Revista Teias vol.22 no. 67 Rio de Janeiro out./Dez 2021 Epub 14-Fev-2023



From independence to peace in Angola through the lens of Asdrúbal Rebelo: Valeu!

Abstract: In this article we seek to analyze how to construct the narrative of the recent history of Angola in the cinematographic work Valeu!, by Asdrúbal Rebelo (2014), from the point of view of its producer. To this end, we studied the personal trajectory of its director, the history of Angola during that period and also during the period when the documentary was made. Asdrúbal experienced two wars, the colonial war and the civil war, and through his documentary we can percept the understanding that this Angolan intellectual had of the events.

Keywords: Angola, Asdrúbal Rebelo, cinema.

Recebido: julho/2025

Aprovado: novembro/2025.